

## TESSITURAS SOBRE O SER E O SOFRER NAS NEUROSES E NÃO-NEUROSES

**Lidia Queiroz Silva Magnino**

**Minerbo, M. (2009). *Neurose e não-neurose*.**

**São Paulo: Casa do Psicólogo.**

Escrever sobre este livro é revelar como a vida e a obra da autora comunicam-se e se desenvolvem de uma forma criativa e integrada. Marion – psicanalista, doutora em Medicina, analista e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) – construiu seu trabalho dedicando-se à clínica psicanalítica e à docência no Instituto da SBPSP e em outras instituições e grupos psicanalíticos do Brasil. Publica e divulga sua experiência e sua forma de viver a Psicanálise. É fiel leitora e intérprete de Freud e de seus seguidores como Klein, Bion, Winnicott e Green. Portadora de uma escuta psicanalítica refinada, ela é capaz de ordenar e integrar os conceitos, possibilitando ao leitor compreender as inúmeras formas de sofrimento psíquico e formas de subjetividade. Pensa a clínica trabalhando as referências teóricas, sustentando a importância de não dissociá-la da metapsicologia.

Este livro, *Neurose e Não-Neurose* é mais um de Marion que recomendo, pois seu estilo de escrita, embora denso e profundo, é didático, claro e simples. Com objetividade, transita continuamente da teoria à prática e vice-versa. Esclarece os conceitos e, ao mesmo tempo, circunscreve-os e os situa na vida cotidiana facilitando o entendimento. Estabelece diálogos, revitaliza aspectos significativos da metapsicologia, levando o leitor a refletir, elaborar questões e a se posicionar.

*Neurose e Não-Neurose* é um livro que surge da sua experiência clínica, da sua agilidade, diversidade e riqueza de pensamento. Elabora uma obra de caráter interdisciplinar, organizada de uma forma que interessa tanto aos analistas em formação

como a “formadores”. Generosamente, também atende a diferentes disciplinas e leitores que estudam a subjetividade contemporânea, sejam eles da universidade ou da psicanálise.

Ao insistir sobre a importância da noção de psicopatologia psicanalítica, instrumentaliza o analista a não perder o pensamento metapsicológico, isto é, a não deixar o processo analítico à deriva. Articula produtivamente as ideias metapsicológicas, organizando o campo da psicopatologia em neuroses e não-neuroses. Faz uma mediação entre clínica e metapsicologia, entre o universal e o singular.

O livro compõe-se de três partes. A primeira tem cinco capítulos que oferecem elementos clínicos e metapsicológicos para diferenciar a subjetividade neurótica da não-neurótica. No primeiro, a autora discute que sentido faz falar em psicopatologia na Psicanálise. No segundo, introduz o tema apresentando como funciona a escuta psicanalítica e quais são seus elementos significativos. Nos capítulos três e quatro tece o discurso metapsicológico, fazendo uma adaptação livre de dois manuais de psicopatologia, de Juignet (2001) e de Roussillon (2007) e de dois dicionários, Laplanche e Pontalis (2001) e Hinshelwood (1992). Descreve a psicogênese das subjetividades neurótica não-neurótica, discriminando o vértice do eixo narcísico de constituição do Eu, e o eixo objetual de constituição do objeto do desejo. Criativamente, apresenta no final do livro, três quadros sinópticos sobre as particularidades dessas articulações. No capítulo cinco descreve a subjetividade borderline e neurótica, ressalta os dois tempos do trabalho analítico e a importância de o analista mergulhar no universo subjetivo do analisando para depois trazer à luz sua determinação inconsciente.

A segunda parte, Não-neuroses: prospecções, reúne cinco capítulos (do seis ao dez) dedicados à subjetividade não neurótica. Aprofunda como se dá o encontro com o objeto, o uso da cultura, a psicopatologia do ódio e da raiva. O capítulo seis apresenta dois funcionamentos não neuróticos distintos por meio de dois personagens do filmes, um deprimido e outro ator. No capítulo sete discute a relação da psicopatologia com a cultura. Através de uma analisanda com compulsão a comprar roupas de grife, argumenta como essa escolha funciona como uma prótese para o psiquismo da analisanda. No oitavo capítulo, a autora descreve a psicopatologia do ódio e da raiva. Nos capítulos nono e décimo, ela diferencia o ódio paranoico do invejoso.

A terceira parte é dedicada à Não-neurose e o Contemporâneo. Analisa no capítulo onze alguns fenômenos pós-modernos – certas formas de arte (a body art) e de lazer (o reality show) – que revelam a fragilidade do símbolo, compensada pela superposição entre a lógica da representação e a da realidade. Além disso, a autora discute se existem novas patologias. Ela se posiciona e argumenta que na contemporaneidade, há uma forma de sofrer relacionada à fragilidade simbólica que pode ser identificada em

fenômenos sociais além da clínica. É interessante como apresenta certos comportamentos da violência adolescente, como eles se divertem (ou se defendem do tédio) atacando pessoas indefesas, e como a expressão do ódio não se limita a destruir símbolos. Discute como a cultura contemporânea dispõe de mediações simbólicas precárias – a fragilidade do símbolo – para conter a violência pulsional. Descreve como na arte, na body art, no reality show e nos crimes familiares, há uma redução do espaço entre a representação e o objeto representado, uma superposição entre representação e a realidade, uma desnaturação do sistema simbólico.

As instituições que têm como função subjetivar as pessoas, criar e lhes oferecer lugares simbólicos, estão enfraquecidas; os laços simbólicos fragilizam-se, levando a uma fratura do símbolo. Sabe-se que a função simbolizante que desintoxica a mente da intensidade afetiva é exercida pelo inconsciente materno e ou pelas instituições. Ela cria e sustenta as representações que permitem fazer sentido das experiências; quando falha, ela deixa o sujeito em um estado de desamparo identitário. Ele fica sem elementos para dar sentido a si e às suas experiências. Como consequência, experimenta um vazio e um tédio que muitas vezes são descritos como depressão. É um sofrimento narcísico.

Esta depleção simbólica é bem estudada no capítulo doze. Com três casos clínicos, a autora analisa os comportamentos compulsivos com características aditivas. Ela mostra como na subjetividade não-neurótica a depleção produz uma forma de sofrimento de que o sujeito se defende por meio de comportamentos compulsivos. “O sujeito se reconhece nos efeitos concretos”. Estes comportamentos como o excesso de consumismo, tatuagens, Orkut, esportes radicais, tornam-se patológicos quando o sujeito agarra-se a eles, não podendo dispensá-los de maneira alguma, pois são necessários para conter a angústia de fragmentação. Descreve a depleção como uma “anemia psíquica”, um estado de vazio existencial que leva as pessoas a dois tipos de comportamentos defensivos: o uso de drogas artificiais e naturais que aliviam a angústia e o tédio; e as várias formas de construção de uma identidade reificada. O externo, o estilo de vida é que determina a identidade e não o inverso.

No capítulo treze, Marion discute a prática do sexo virtual e sua função na economia psíquica. Descreve as lógicas híbridas em que o espaço do jogo, do teatro e da realidade se superpõem, dificultando ao sujeito saber onde ele se encontra, fazendo o que e com quem. Torna-se dependente de uma presença virtual vivida como “alguém” que lhe dá sustentação psíquica. Compara o destino da transferência na sala de análise e na sala de bate papo virtual. Nesta, em lugar de a transferência ser trabalhada, elaborada, interpretada, ela é atuada de forma complementar pela transferência do interlocutor virtual – com seus aspectos narcísicos, onipotentes e os de sua sexualidade perversa polimorfa. Por esse motivo as relações virtuais podem mobilizar em ambos uma excitação pulsional superior à

sua capacidade de contenção simbólica. Em lugar de um brincar criativo, surge a compulsão à repetição, em que cada um busca no outro um objeto capaz de ligar a pulsão e transformá-la em fantasia. Como não encontra um objeto para fazer este trabalho psíquico, a fantasia se repete. A internet tem tempo e espaço próprios, sem limites e controle. Por isso, traz riscos ao usuário, pois a transferência se que estabelece na rede pode produzir regressões e atuações perigosas.

De forma primorosa, este livro nos ajuda a compreender que as neuroses (em que predominam dificuldades no campo do objeto do desejo) e as não-neuroses (em que predominam os distúrbios na constituição do narcisismo) são formas de SER e de SOFRER, determinadas por uma maneira de apreender o mundo e de se organizar/desorganizar frente àquilo que é apreendido. A psicopatologia psicanalítica fica situada claramente no campo da cultura – e já não se confunde com entidades nosológicas, como na psiquiatria.

---

**Lidia Queiroz Silva Magnino**, Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Docente dos Cursos de Graduação em Psicologia e Medicina e da Pós-graduação da Universidade de Uberaba. Endereço para correspondência: Rua Major Eustáquio, nº 6, sala 804. CEP 38010-170, Uberaba, MG. Endereço eletrônico: [Imagnino@terra.com.br](mailto:Imagnino@terra.com.br)

---

Recebido em: 23/04/2010

Aceito em: 16/08/2010

---